



A Santa Sé

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II AOS PARTICIPANTES NUM CONGRESSO SOBRE A EDUCAÇÃO PRÉ-NATAL

Ilustres Senhores

Gentis Senhoras!

1. Sinto-me feliz em vos acolher por ocasião do Congresso sobre os «*Fundamentos Biológicos e Psicológicos da Educação Pré-natal*», no qual participais. Dirijo a cada um de vós a minha cordial saudação, com um particular pensamento de apreço aos promotores do encontro, entre os quais os responsáveis do «*Movimento pela Vida*», admirável iniciativa de espíritos generosos, que ao longo destes anos foi recolhendo crescentes consentimentos.

É confortador encontrar no actual panorama científico numerosos pesquisadores que, reconhecendo a plena dignidade do nascituro, exploram as vias de uma nova disciplina, a educação pré-natal. Esta é uma maravilhosa e meritória pesquisa: inclinar-se diante do filho que ainda se encontra no seio materno, não só para constatar e observar o seu crescimento físico e ouvir o coração da criança, mas também para investigar as suas emoções e registar os sinais de desenvolvimento da sua psique. Nesta investigação há um implícito tributo de respeito à pessoa, na qual já palpita o espírito imortal e se manifesta a imagem do Criador.

2. É justo que a criança seja posta no centro da atenção das ciências humanas, e não só das biológicas, desde o início do seu caminho temporal no seio materno. Por conseguinte, queridos Congressistas, o vosso empenho tem sem dúvida um valor no âmbito das ciências experimentais, mas tem também um significado antropológico e moral. O vosso interesse, de facto, superando o mero organicismo e a consideração dos aspectos físico-funcionais, que conservam contudo a sua importância, dirige-se ao interior do novo ser, que vive no seio materno.

A vossa óptica é, por assim dizer, perspéctica: tendes em conta o sucessivo desenvolvimento da criança – a sua infância, a adolescência, a idade adulta – para captar as conexões psicológicas que existem entre aquelas fases da existência e os seus inícios no seio materno, e para sugerir aos pais o comportamento mais apropriado a fim de garantir

o harmónico princípio do processo.

A história do indivíduo, depois do nascimento, depende sem dúvida dos cuidados físicos e médicos que recebe. Mas grande influência sobre ela exercem também a serenidade, a intensidade e a riqueza das emoções sentidas durante a vida pré-natal. Esta linha de investigação pré-natal deve ser, por conseguinte, considerada da maior importância.

Nesta perspectiva, é de igual modo fundamental relevar a conexão que existe entre o desenvolvimento da psicologia do nascituro e o contexto da vida familiar que se move em seu redor. A harmonia dos cônjuges, o calor do lar, a serenidade da vida quotidiana repercutem-se na sua psicologia, favorecendo o seu desabrochar harmonioso: não são apenas os genes que transmitem as características hereditárias dos pais, mas também as repercussões das suas vicissitudes espirituais e emocionais.

3. É bom constatar que a medicina e a psicologia, com os seus respectivos recursos, podem pôr-se ao serviço da vida do nascituro e do seu progressivo desenvolvimento. Enquanto algumas orientações de pesquisa e de intervenção experimental, hoje, correm o risco de esquecer o mistério da pessoa presente na vida que desabrocha no seio da mãe, vós propondes-vos desenvolver os vossos estudos partindo deste pressuposto. De facto, sabeis que a desventura mais grave para a humanidade é perder o significado do valor da vida humana desde o seu exórdio.

Conhecer a vida em cada uma das suas dimensões, a fim de a respeitar e promover em todo o seu desenvolvimento e mistério: eis o horizonte que vos guia e que hoje desejais reconfirmar diante do Sucessor de Pedro. Neste contexto, faço votos por que todos os que se ocupam da distribuição dos meios económicos destinados à investigação, saibam distinguir entre programas que defendem a vida e programas que ofendem a sua integridade ou lhe comprometem a existência.

Compete em particular aos investigadores católicos a tarefa de fazer convergir os seus esforços para os objectivos mais nobres que a ciência pode servir. A este respeito, escrevi na Carta Encíclica *Evangeliium vitae*: «Também os intelectuais muito podem fazer para construir uma nova cultura da vida humana. Responsabilidade particular cabe aos intelectuais católicos, chamados a estarem activamente presentes nas sedes privilegiadas da elaboração cultural, ou seja, no mundo da escola e das universidades, nos ambientes da investigação científica e técnica, nos lugares da criação artística e da reflexão humanista» (n. 98).

4. Renovo aos crentes o convite a colaborar com ânimo aberto com os colegas do mundo científico, a fim de desenvolver a pesquisa sobre os componentes físicos, psicológicos e espirituais da vida humana desde o seu alvorecer. Qualquer pessoa que seja sensível à defesa e à promoção da vida, sobretudo se é frágil e indefesa, não pode contentar-se da proclamação, mesmo se é justa e sacrossanta, do direito à vida, mas deve sentir-se empenhada na elaboração de uma cultura cientificamente fundada «através da produção de contributos sérios, documentados e capazes de se imporem pelos seus méritos ao respeito e interesse de todos» (*Ibidem*).

Em conclusão, a vitória será da verdade, porque Deus está do seu lado. Não é Ele porventura o Deus da verdade e o Senhor da vida?

Por conseguinte, exorto-vos a continuar os vossos estudos com rigor exemplar. O Senhor não deixará de vos acompanhar com a sua graça no trabalho quotidiano, que dedicais ao serviço dum futuro melhor e cheio de vida.

Com estes votos, ao invocar sobre vós e as vossas actividades a protecção da Virgem Maria, Sede da Sabedoria e Mãe do Verbo Encarnado, concedo-vos de coração a minha Bênção apostólica.

Vaticano, 20 de Março de 1998.